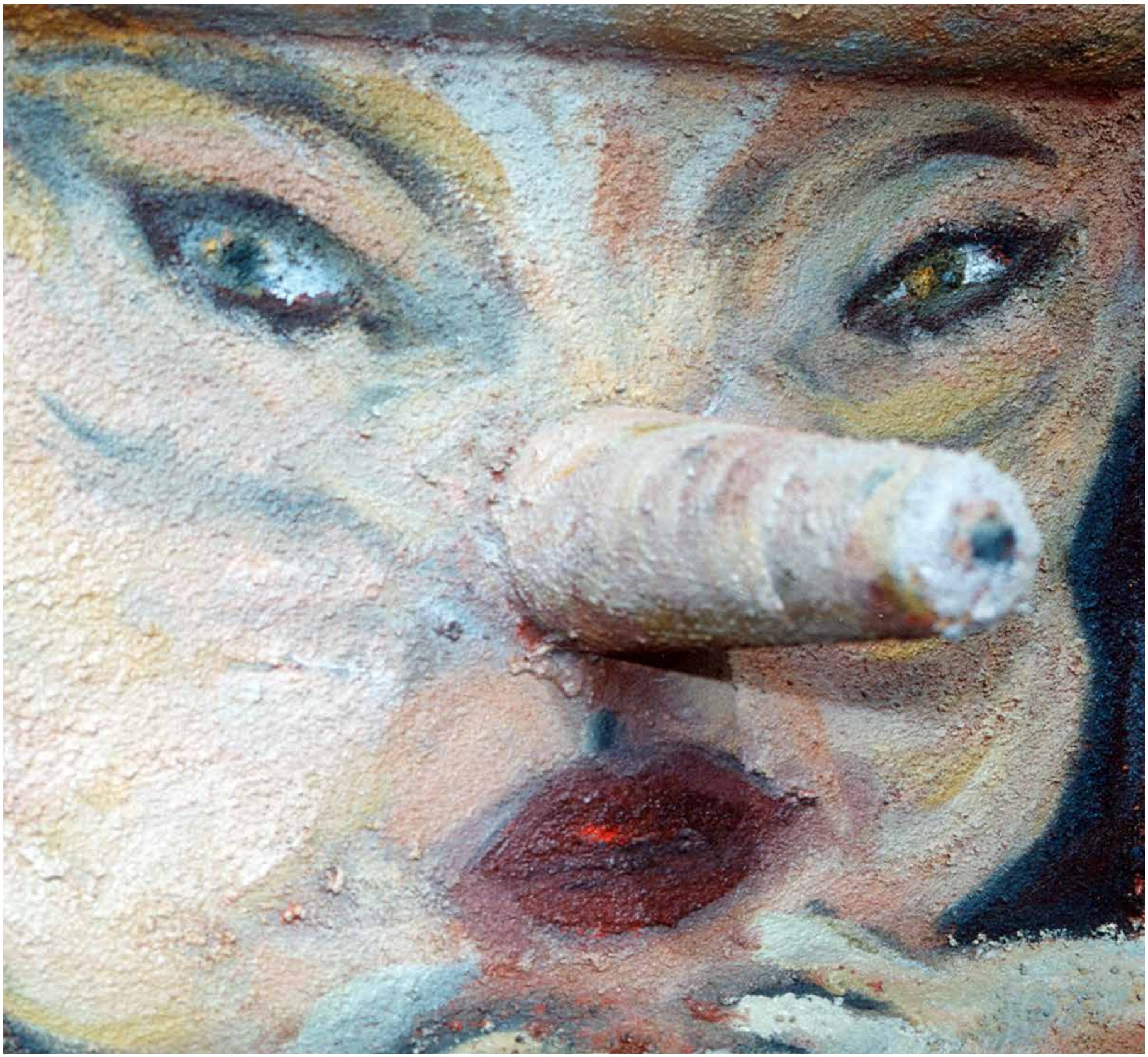
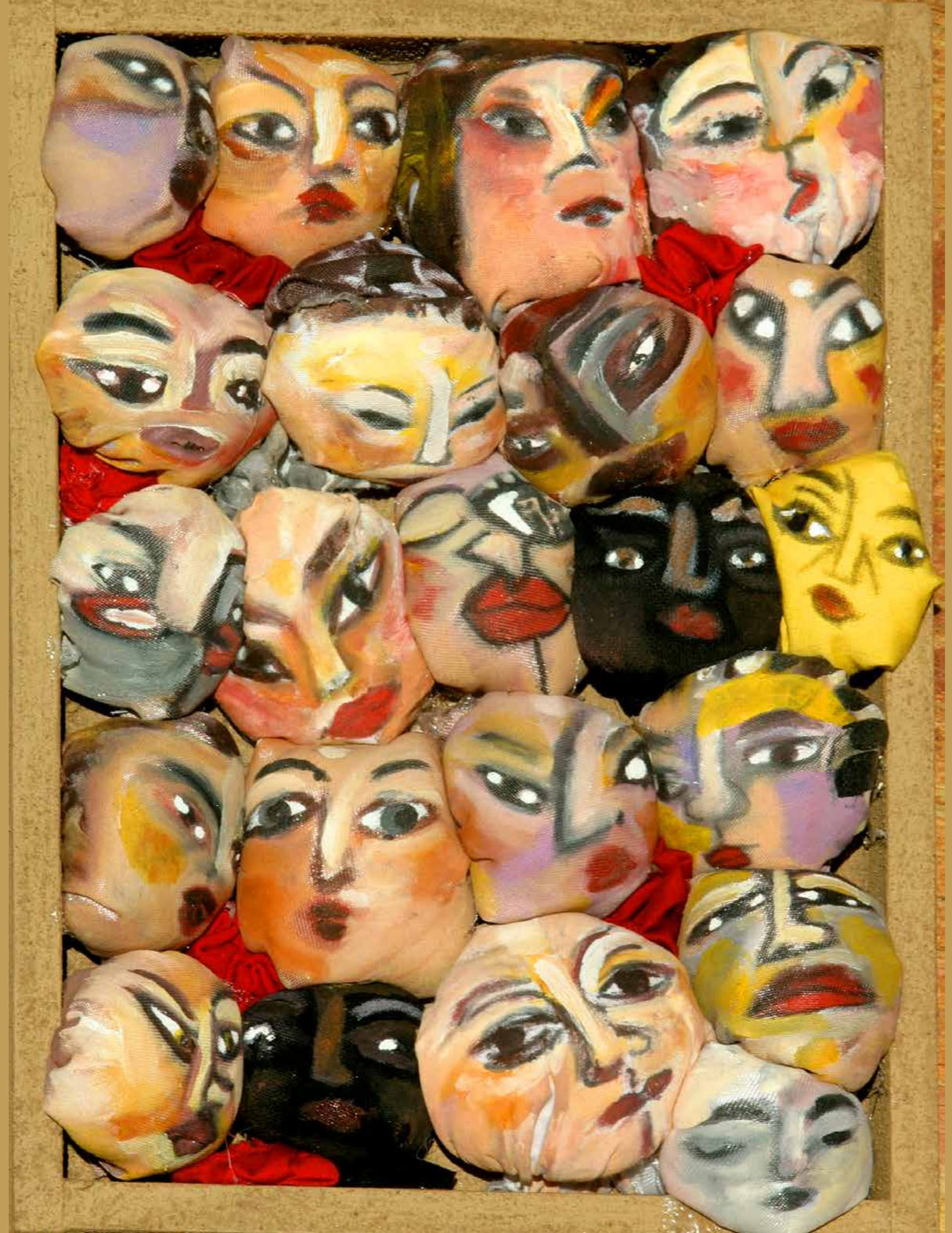
PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 8
ANO 1
NOVEMBRO/2019





EDITORIAL

Eduardo Mahon
É o Editor Geral da Revista Pixé.

Calcem suas botas porque vamos entrar no brejo! A Revista Pixé deste mês é dedicada integralmente ao estudo de uma curiosa espécie de anfíbio letrado. Não se trata de um pântano qualquer, mas do alagadiço literário onde coaxam os sapos que metiam medo no cururu de Manuel Bandeira. Da tenaz fauna estética que teima em resistir nas letras nacionais, já foram classificados os mais variados bichos: sapo crítico, sapo músico, sapo alexandrino e, talvez, a mais feroz de todas as espécies – o sapo togado. Essa gama interminável de sapos vaidosos coaxa nas lagoas acadêmicas de todo o país, evitando a todo custo sair ao sol. Não se tem notícia de brejo que tenha superado a infestação. Pelo contrário: pelo que se vê nas livrarias, a praga vai aumentar.

Nos antigos salões mal arejados, o mofo estilístico atrai as inocentes moscas, curiosas mariposas e os incautos pirilampos para o banquete da saparia. O que querem? O público pensa que verá uma apresentação literária, algo que os inspire a ler e refletir. Qual o quê! Desprevenida, a plateia é alvo do ronco retórico, um veneno usado para anestesiar suas vítimas. Os sapos acadêmicos sacam da língua a gosma erudita que impele os convidados ao sarau anfíbio. Aqui e ali, a fala empostada vomita um caco latino para impressionar o público, entorpecido nesse brejo iluminado. Por mais que ronquem alto e grave, sapeando o profundo sentido do belo, do ético, do cívico e outros moralismos, nem o beijo das musas os transformará em príncipes. Uma vez sapo, sempre sapo.

Mas segurem-se que os sapos pulam! É preciso ter muito cuidado com eles. Quando estão acuados, saem da pachorrenta inatividade para reiterar os velhos catecismos. Recomendamos manter distância. Do contrário, começam a exibir títulos, medalhas, comendas, menções honrosas e, talvez, troféus. Sem dar chance ao caçador, passam a falar de si, dos cargos que ocuparam, das celebridades com as quais fingem intimidade, dos livros que escreveram, das matérias de jornais e das colunas sociais. O sapo é um bicho enganoso: sem livro, se diz escritor e, sem poesia, se diz poeta. As letras do sapo, em resumo, não são literatura. Não desconhecemos que todas as formas de escrita são importantes: a científica, a jurídica, a médica, a jornalística, a historiográfica, enfim, a infinidade de expressões humanas que envolvem a palavra são relevantes. Mas não são literatura e ponto final.

Não sirva esse editorial de manifesto. Longe disso! De forma alguma pretendemos inaugurar uma nova estética. Já foi o tempo das paranoias vanguardistas. Talvez, no máximo, almejemos a uma nova mentalidade sobre o que já temos. Vejamos o bê-á-bá do nosso raciocínio: se para ser diretor clínico de um hospital é preciso ser médico, se para presidir um tribunal é preciso ser jurista, se para desenhar um projeto de uma casa é preciso ser arquiteto, se para receber santo é preciso ser médium, nada mais natural do que esperar escritores nas academias de letras do país. É o locus próprio do ficcionista e do poeta. Não sendo assim, as academias hão de permanecer ensimesmadas e pouco legitimadas a representar a literatura como já acontece na maioria dos Estados brasileiros.

O que esperamos ao visitar uma academia: uma palestra de direito previdenciário ou um debate sobre poesia?, um colóquio sobre cirurgia óptica ou uma apresentação de romances?, uma exposição sobre paleontologia ou um comentário sobre contos? Esse debate já foi travado na Academia Brasileira de Letras que continuou aceitando estranhos à literatura e, por isso, é sempre criticada pela ala machadiana até que sofreu com a renúncia de Érico Veríssimo da secretaria-geral. Graça Aranha bateu-se sozinho em favor dos amigos modernistas. Adiantou? Não. Os sapos imortais são surdos. Continuam com os arranjos que desmobilizam e enfraquecem a literatura, em favor do compadrio. Freud explica o doentio ritual do beija-mão do qual necessitam para massagear o ego. Talvez seja demais esperar a reforma nos brejos iluminados. Em todo o caso, continuamos resistindo à falácia de que literatura é o conjunto de todas as letras. Não é e não será. Literatura é arte. Por isso, um viva a Manuel Bandeira, o nosso cururu maior!

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Manuel Bandeira
8 Lobivar de Matos
10 Gervásio Leite
12 Natalino Ferreira Mendes
14 Santiago Villela Marques
16 Aclyse Mattos
18 Caio Augusto Ribeiro
20 Cristina Campos
22 Danilo Fochesatto
24 Eduardo Mahon
26 Gilberto Nasser
28 Ivens Cuiabano Scaff
30 **Vitória Basaia**
32 José Pedro Rodrigues Gonçalves
34 João Bosquo Cartola
38 Juliano Moreno Kersul de Carvalho
42 Lívia Bertges
44 Lorenzo Falcão
46 Luciene Carvalho
48 Lucinda Nogueira Persona
50 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
52 Marcos Blau
54 Marli Walker
56 Rubenio Marcelo
58 Marta Cocco
60 Janet Zimmermann
62 Anna Maria Ribeiro Costa
64 Edital Prêmio Pixé de Literatura

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Manuel Bandeira, Lobivar de Matos, Gervásio Leite, Natalino Ferreira Mendes, Santiago Villela Marques, Aclyse Mattos, Caio Augusto Ribeiro, Cristina Campos, Danilo Fochesatto, Eduardo Mahon, Gilberto Nasser, Ivens Cuiabano Scaff, Vitória Basaia, José Pedro Rodrigues Gonçalves, João Bosquo Cartola, Juliano Moreno Kersul de Carvalho, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marcos Blau, Marli Walker, Rubenio Marcelo, Marta Cocco, Janet Zimmermann, Anna Maria Ribeiro Costa.
Fotógrafos da edição: Mário Vilela e Rai Reis.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Vitória Basaia

OS SAPOS

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!"- "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

Manuel Bandeira
(1886-1968). É o escritor homenageado.

Lobivar de Matos
Foi poeta, cronista, jornalista e advogado.. Nascido em Corumbá em 1915, faleceu em 1947. Um dos primeiros escritores que seguiu o estilo moderno de fazer poema, sem a métrica parnasiana que era francamente majoritária em Cuiabá. Publicou "Areôtorare: poemas boróros" em 1935 e "Sarobá" em 1936.

Por influência do meio, os imortais e os mortais do norte e do centro produzem quase nada literariamente falando. São vítimas do ambiente. Preguiçosos, indolentes e sem estímulo dos ventiladores que são as nossas ridículas igrejinhas literárias, vivem dormindo numa inércia impressionante. É claro que há exceções. Um poeta bororo, que faz parte da nova geração, há pouco tempo me obrigou a observar um fenômeno literário de grande importância para esta síntese: o atraso dos acadêmicos e dos sapos da Academia. Disse-me o poeta: 'Menino: parece mentira, mas não entraram ainda nem no Romantismo...' De fato, a observação do poeta é exata. Não digo que ainda não chegaram no Romantismo. Isto de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nenhum milímetro. Isto sim.

Trecho extraído da Carta Aberta aos Editores de Pindorama – Revista Pindorama, 1939, n.03, P. 08

Gervásio Leite
Foi poeta, jornalista, jurista. Nascido em Cuiabá em 1916, faleceu no Rio de Janeiro, em 1990. Autor de 12 livros dentro os quais destaca-se "Terra Agarrativa e Linda", Gervásio foi editor da Revista Pindorama, a primeira publicação modernista que circulou em Mato Grosso, participou do Movimento Graça Aranha, foi Desembargador do TJMT, de onde foi presidente, também presidiu a Associação Mato-grossense de Imprensa e a Academia Mato-grossense de Letras.

Não podes calcular o prazer que a tua admirável carta me deu, principalmente quando senti que encontravas o amigo de sempre, dileto e predileto. Perguntas sobre meus projetos e eu te digo que não mudei meu lema ou brasão d'armas: ou vai ou racha! Dele não sairei por motivo algum. Como sabes, tenho o prazer da luta, e para isso invoco o Darwin. Temos de pular para o 20th century. Contrariando o velho princípio, a natureza só vive de saltos: é o conceito revolucionário. Aos 22 anos, que posso ser? Ou covarde ou revolucionário. Não há outra escolha. Vou para Cuiabá como D. Quixote, pois sei perfeitamente que ainda há moinhos de vento na idade da máquina. Nada de progresso com conta-gotas. Tem de ser a furacão. E quem for fraco que fique pela estrada.

Trecho da carta de Gervásio Leite a António de Arruda, cuja reprodução foi gentilmente autorizada pela família.

Natalino Ferreira Mendes
É natural de Cáceres-MT (03/01/1924 – 23/12/2011). Professor, poeta, memorialista e cronista, seus textos são fruto de pesquisa histórica em arquivos públicos e particulares. Escreveu: *História de Cáceres: administração municipal* (1973 e 2009); *Marco do Jauru* (1983); *Efemérides cacerenses* (1992); *Anhuma do Pantanal: poesia da terra* (1993); *Memória cacerense* (1998), *História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada* (2010); *Pássaro vim-vim: poesia da terra* (2010), dentre outros inéditos, além de artigos em jornais e revistas de circulação estadual. Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras.

O SAPO

Animal deformado, feio imundo,
É por todos o sapo repelido
Por temor do seu cuspe nauseabundo,
A só defesa de que foi munido.

Insensível ao nojo que ao mundo
O seu corpo vil causa, escondido
De uma toca escura ao tredo fundo
O sapo vive, enquanto o sol temido

No céu vai... Mas apenas uma estrela
Vê brilhar, sai o sapo procurando
Os insetos na beira da baía.

Nessa hora (é doce percebe-la!)
Rompe, em coro, dos sapos todo o bando,
Produzindo uma triste sinfonia.

Texto gentilmente cedido pela família, extraído de ***Anhuma do Pantanal: poesia da terra****. Passo Fundo/RS: Pe. Berthier, 1993, p. 61*

DECÁLOGO PARA O NOVO ARTISTA

I
Que esteja acima da Arte
a atividade de amar-te.
Em cada pranto ou sorriso,
o teatro de Narciso:
apenas tu em toda parte.

II
A tela, a voz que compões,
refrão de tuas ambições,
gritem em templos, paredes,
museus, concertos e redes,
mas nunca nos corações.

III
Nenhuma dor te reprima
- a pobreza é obra-prima:
pinta, com tinta dourada,
a reza da favelada
na chave-de-ouro da rima.

IV
Tua obra seja bem quista
e agrade o padre e o acionista,
que mesmo frase blasfema,
teu erro será um poema
e, sem arte, serás um artista.

V
Que as crianças, com suas fomes,
mudem em ouro os teus nomes,
sem mudar a economia:
alimentos a poesia,
elas morrem e tu comes.

VI
Se dom tiveres, espreme-o
na regra da academia,
que a gratidão de algum grêmio,
em breve, te alcança o prêmio
que o dom não alcançaria.

VII
Em peça de óleo e carvão,
a imagem do teu irmão
assaltado e agredido
orne a casa do bandido
e bem te pague o ladrão.

VIII
Descuida do essencial,
urgente ou do genial;
mas cuida sempre do traje,
da selfie e da vernissage
na coluna social.

IX
Faz, da Beleza, arma e luta;
de cada obra, disputa;
de todo outro, um rival;
do teu gênio, um dom venal;
e da Arte, tua prostituta.

X
E, se faltar vocação,
ensaia a bajulação,
escreve um verso servil.
Com fraude, suborno e ardil,
ninguém morre charlatão.

Santiago Villela Marques
É o pseudônimo de Paulo Sérgio Marques, natural de São Paulo-SP e residente em Mato Grosso até sua morte, em 2018. Publicou os livros de poesia Primeiro (2004), Outro (2008), Três tigres trêfegos, em coautoria com Juliana Roriz Aarestrup e Henrique Roriz Alves (2010), e Selvagem (2013); e os livros de contos Ângulo bi, em coautoria com Marcelina Oliveira, Paulo Sesar Pimentel e Gisele Mocci (2002), Correspondências (2012) e Sósias (2015). Algumas de suas obras obtiveram premiações nacionais como, dentre outros, o Prêmio Sesc Monteiro Lobato de Conto Infantil (1º lugar, em 2009 e em 2010), o Prêmio Sesc Machado de Assis de Contos (2º e 3º lugares, em 2009 e 2011, respectivamente), o Concurso de Contos de Ituiutaba Águas do Tijuco (1º lugar, em 2012) e o Prêmio Cataratas de Contos e Poesias (3º lugar, em 2015).

NO PAPO

Para Manuel Bandeira

O papo dos sapos
na beira do pântano
celebra essa lua
que branca flutua
no véu da lagoa
debaixo das patas

No céu pirilampos
(que palco esse pântano!)
remexem seus fachos
e a lua de baixo
- com rabiscos de luzes –
mais linda flutua
que a lua de fato

É tão baixa a altura
tão chã poesia
que a língua dos sapos
se estica e captura
e retira do campo
essa luz: pirilampo

Não vaga mais lume
não luz nesse campo
o verso foi língua
agora é só trampo
(que imagem projeta
um canto sem canto?)
Fugaz aventura
(aqui jaz pirilampo)
sonhar que algum sapo
enxerga seu rapto
(olhar o seu rabo
não é para o sapo)

E assim se deslinda
o lume que finda
fugaz fogo-fátuo
poema de fato
Já foi? Ou não foi?
Já foi? Tá no papo.

Aclyse Mattos
É escritor e poeta. Flor de metal foi escrita no Rio de Janeiro na época em que o Peça Original ensaiava na Ilha do Governador para tocar no Planetário e sobre a noite esfumaçada na Avenida Brasil a lua quicava sobre os prédios ao sabor das curvas. Livros recentes: O Sexofonista (contos), Sabiapoca (infantil) e Festa (poesia).

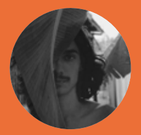
O PAPO DO SAPO

O papo na longa língua deste
Sapo
estende os fatos
e me deixa tão
Caaaaaaaansaaaaaadoooooo

Talvez alguns
Poéticos
Sopapos
Fariam
este anfíbio nato
se tornar um pouco mais
sensato e, de
facto,
penso que lhe falta
um certo tato
pra lidar com as questões
do abstrato

Chega de normas
de estatutos
de regimentos
de processos
queremos
formas de insulto a momentos certos.

Chega de coaxar conceitos
e trata de fazer direito
ao apanhar suculentos
insetos em
Versos.



Caio Augusto Ribeiro
É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réquiem Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes hibridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.

COBRA QUE ANDA ENGOLE MUITO SAPO.
Provérbio mato-grossense

BREJO ILUMINADO

Nem confrade nem confreira –
só com Freire
wladmirando o grafismo verde-neon dos pirilampos
sobre o fundo escuro da penumbra pantaneira.

CHAPEI!

É estranha a ideia de chapa.
A chapa achata,
acachapa –
ela é chata.

Antes seu devir, a roda,
sem arestas onde a energia estagna;

ou Chapada
em meio a brumas,
mas sem coachar de sapos estáticos
e pi©adas de marimbondos furibundos.

Só silêncio e paz noturna de estrelas,
curiangos, lagartos e morcegos emborcados:
minha tribo.

Cristina Campos
É doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), *Conferência no Cerrado* (Tanta Tinta, 2008), *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010), *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014), *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016) e *Papo cabeça de criança travessa* (Tanta Tinta, 2017).

AMPHIBIA

Quando saímos d'água, escorregamos sem dificuldades por debaixo de uma porta. Ficamos naquele lugar porque lá tinha tudo que precisávamos. Lá, tudo era possivel, exceto a ilusão. Refinamos, portanto, nossos hábitos crípticos e inventamos nossa própria mitologia: a metamorfose. Ali, nos bastidores da humanidade, defendemos nossos interesses demagogos, nossas adaptações fisiológicas. Com o tempo, mais girinos desengonçados vieram e, como tinha de ser, tudo se repetiu *ad nauseam*. Até que um sentimento de perseguição começou a nos espreitar. Tivemos de aprender a prender a respiração por um longo tempo. Foi quando percebemos que em lugar fechado as vozes são presas fáceis. Daí paramos de nos multiplicar. Viramos um grupo bagunçado, estagnado, condenado. Éramos os últimos da fila. A confirmação dos limites da realidade. Um dia tentamos voltar, mas não conseguimos. Queríamos ir embora para casa, mas havíamos engordado demais e não passávamos mais pelo vão. Fica difícil sair do labirinto se você tentar ser maior que as paredes. Sem alternativas, tivemos de envelhecer, para sempre, naquele lugar. Lá, onde uma porta jamais abriu.

Danilo Fochesatto
Possui graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados pelo Centro Universitário de Várzea Grande (2002) e Bacharelado em Direito pela Universidade de Cuiabá (2016), devidamente inscrito na OAB, seccional Mato Grosso. Tornou-se, em 2013, servidor da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e, a partir de 2015, passou a atuar no Escritório de Inovação Tecnológica - EIT. Atualmente é mestrando do PROFNIT - Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação.

OS SAPOS AINDA COAXAM

Juntam-se os trapos
Na chapa pura
Aos gritos, os sapos
Mas que cara dura!

Proclama o mentor
Coaxando de pé:
“ – eu sou escritor”
“ – Não é”, “ – Sou!”, – “Não é”

Berra a doutora
Que nem perereca
“ – Eu sou escritora”
“ – Mas não é poeta!”

Coaxa sem jeito
Essa saparia
Roncando o Direito
E matando a poesia

Pra sapa indiscreta
Os sapos se excitam
Condenam poetas:
“ – Vocês não me citam!”

Só foi na mutreta
Que a sapa ganhou
“ – Também sou poeta”
“ – Sou”. “Não é”. “Sou!”

Enfezada outra sapa
Cheirando a jasmin
Pergunta à chapa:
“ – Citaram a mim?”

Tanto sapo metido
No brejo se atura
Que não dá um gemido
De literatura

A gente que escreve
Não mexe com sapo
Ai quem se atreve!
Só toma sopapo

– Sapo-boi, o que tanto te dói?
– Sabe o que foi? Não me chamo Tolstói.

Eduardo Mahon
42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Uma coisa que me arrepia
É saber que a poesia
Não faz questão de fachada
Expulsa de seu templo
Toma posse noutra morada
Sempre bela e "re" moçada
Sai da lavra do poeta
Viva e forte como muralha
Busca os sentidos do leitor
E em seu peito se agasalha
Não importa o endereço
Nem a hora, nem o dia
Onde estiverem os poetas
Lá estará a poesia
Tranque a casa com cadeado
E tome posse da ironia
Pois essa agonia será dura
Mas para nós: literatura
Nós estamos aqui fora
Embriagados de poesia
Coisa que alguns não sabem
Que inspira, liberta e arrepia.

Gilberto Nasser
É professor do Instituto Federal de Mato Grosso, cantor, produtor cultural, diretor de teatro, ex-Secretário Estadual de Cultura de Mato Grosso.

Tantos sapos sonhando com a lua
Tantos mosquitos engolfa-
dos por línguas úmidas
Mundo, mundo vasto brejo
Pirilampo acendendo a bunda
Com receio
De ser esnobado pelas estrelas

Ivens Cuiabano Scaff
É cuiabano, nascido em 30 de junho de 1951. Graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro tendo feito, com destaque, residência médica no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro, e, na sequência, cursos de pós-graduação na área da saúde, na UFMT. Como escritor, lançou Uma maneira simples de voar, O menino órfão e o menino rei, Mil mangueiras, Kyvaverá, O amor são asas de Ícaro.

Vitória Basaia
É a artista homenageada.

BIOGRAFIA

Carioca, jornalista, artista plástica e animadora cultural, radicada desde 1981 em Mato Grosso. Inicia-se nas artes plásticas como autodidata. Além de pintora, gravurista, conceitualista e escultora, desenvolve pesquisas com pigmentos naturais e materiais recicláveis desde 1985. A partir de 1990 sua pesquisa tem sido difundida por programas da UFMT, em oficinas que visam a melhoria do ensino no interior. Ministra oficina de liberação criativa para artistas. Em 1992 inicia o projeto Galeria do Povo, fazendo interferências urbanas, com murais em caixa alta, em fachadas de casas, lojas, muros, feiras e clubes, com o propósito de levar a arte às ruas. Desenvolve ainda o projeto "Não dê o peixe, ensine a pescar" que se resume no ensino de crianças, trabalhadores da rua, em reciclar o lixo da cidade, ressignificando o material descartado. Começa em 1999 junto a UFMT, Horto-Florestal Tote Garcia e Instituto Pró Ambiência – Embaúba IPA, o Projeto Arte e Ambiência. Sua casa, com um acervo de mais de mil obras, é aberta ao público fazendo parte de vários roteiros para visitação.

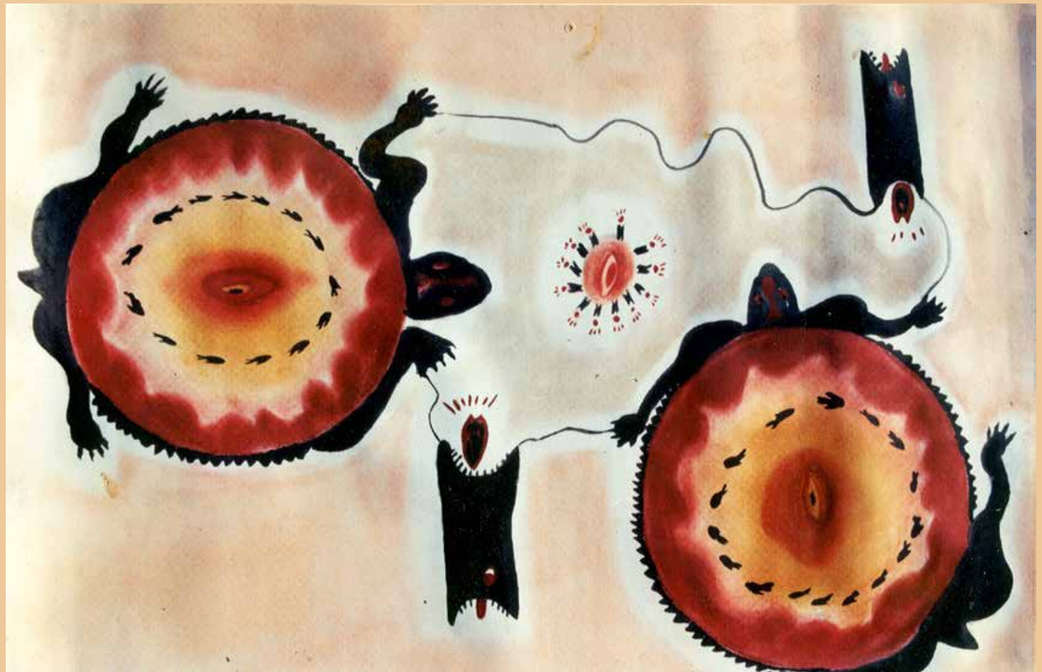
EXPOSIÇÕES

2007 – III Tudo sobre mulheres – Festival de Cinema Feminino – Artista Homenageada - Chapada dos Guimarães/MT
2006 – Exposição Universo Inquieto – MACAP – UFMT – Cuiabá/MT
2005 – Salário dos Poetas - Teatro o Bando - Portugal
2004 – Projeto Arte Pública – Cuiabá - MT
2004 – Cosmogonia – Galeria Sesc Arsenal – Cuiabá
2003 – Panorama das Artes Plásticas em Mato Grosso no Século XX – Studio Centro Histórico, Cuiabá-MT
2002 – Belarmino, O guardador de ossos, Teatro Inquieto. Chapada dos Guimarães.
2002 –Instalação Urbana – Nossa Senhora do Mar de Xaraés.- Cuiabá- TV Centro América
2001 - Constrói a Praça de vivência da Fundação Júlio Campos Várzea Grande
2000 – Arte Ambiência – Pintando com a Poluição. Vários pontos de Cuiabá.
1999 – Frutos do Cerrado – Horto Florestal/UFMT
1998 – Instalação – Santo Cerrado – Praça Aquidaban, Várzea Grande-MT.
1997 – Espaço Moitará Sebrae Center – Cuiabá-MT.
1996 – Filhos da terra – MACAP/UFMT.
1995 – Processos e Utilização de materiais alternativos – SBPC – UFMT.
1994 – Tar-Ta-Ruga – Faculdade de Comunicações – Várzea Grande-MT.
1993 – Museu de Arte Contemporânea – Goiânia-GO.
1992– Cio da Terra – Chapada dos Guimarães-MT. / Casa das Artes – Lima-Peru / Alquimia da Terra – Exposição itinerante pelos Estados brasileiros.
1991 – Cultura Índia – Maranhão.
1990 – Na Barriga do Pantanal – Galeria Rodolfo Amoedo –AUDF – Brasília-DF / Chapadões – Hotel Eldorado-Cuiabá-MT.
1989 – Basaia se atreve – FCJC – Várzea Grande-MT

SALÕES E BIENAIS

2010 – Exposição do Acervo MACP – UFMT – Cuiabá - MT
2010 – Acervo: Iconografia das Águas – SESC Arsenal – Cuiabá/MT
2010 – Circuito Cultural Setembro Freire – Palácio da Instrução – Cuiabá - MT
2010 – Diálogo Contemporâneo-Quatro faces da Arte mato-grossense-SEC–Cuiabá-MT
2010 – Cores do Pantanal – Palácio Cabral – Lisboa - Portugal
2009 – ACERVO: Um grande Olhar – Museu de arte e Cultura Popular da UFMT
2008 – Artistas do Centro Oeste – Secretaria de Estado de Cultura – Cuiabá-MT
2008 – Iconografia das Águas – 8th INTECOL – MACAP/UFMT – Cuiabá-MT
2008 – Elas por Elas – Galeria Brasiliana – São Paulo/SP
2007 – Caminho da Coluna Prestes – Casa de Guimarães – Chapada dos Guimarães/MT
2007 – Recebe o 1º prêmio do XXIV Salão Jovem Arte Mato-grossense – Cuiabá/MT
2007 – CIRCUITO – Panorâmico – Galeria Mato-grossense de Artes Visuais – Secretaria de Estado de Cultura
2006 – A Eco-reflexão sob o olhar da arte contemporânea
2006 – Recebe o 2º prêmio do XXIII Salão Jovem Arte Mato-grossense – Cuiabá/MT
2005 – Exposição Territórios MAC Ibirapuera – São Paulo/SP
2004 – Várias Paisagens – Coletiva – AmazonTech / Centro de Eventos Pantanal – 08/04 / Artistas do Centro Oeste – Coletiva – MARCO/MS – Agosto 2004 / Brasil Central – Coletiva - V Festival de Inverno Bonito / MS – 07/04
2003 – Coletiva – Secretaria de Cultura - Cuiabá
2001 – Instalação Urbana – O Grande Olhar – Cuiabá-MT.
2000 – Artista do século – MACAP/UFMT – Cuiabá-MT.

1999 – Um olhar sobre Mimoso – UFMT- Coord. de Cultura –Mimoso-MT / Latinarte – Itinerante – América Latina.
1998 – Um espaço, duas junções – Centro Cultural do Liceu de Artes São Paulo-SP.
1997 – 17º Salão Jovem Arte Mato-grossense / Artista Convidada – Salão MECAB – PR / Salão de Arte Contemporânea – Campo Grande-MS.
1996 – 1ª Bienal de Arte Contemporânea de Cataguases- Sec.de Cultura-MG/Cores do Brasil–Galeria Virtual-São Paulo-SP.
1995 – Bienal de Santos – Santos-SP / Recebe o 2º Grande Prêmio - Salão Arte da Terra-FCJC-Várzea Grande-MT / Visualidade da Arte Mato-grossense para a Alemanha-MACAP/UFMT/ SBPC / XVI Salão Jovem Arte Mato-grossense-Cuiabá-MT / Artistas Mato-grossenses-Galeria Dalva de Barros-Cuiabá-MT.
1994 – XV Salão Jovem Arte Mato-Grossense-Cuiabá-MT / Recebe o Prêmio Painel Sebrae de Arte Contemporânea Brasileira-O Centro Oeste-Mostra em Brasília e SP / Recebe o Prêmio Participação e Menção Honrosa-90 Horas de Pintura Contemporânea -Brasília-DF / 10ª Mostra do Desenho Brasileiro – MAC-PR
1993 – 50º Salão Paranaense – MAC-PR / Coordena o Salão Jovem Arte Mato-grossense-Cuiabá-MT / Coordena o 1º Salão Paiaguás / Tudo é Um Mato Só – MAC-Campo Grande-MS / Tudo é Um Mato Só – FCMT – Cuiabá-MT / 1ª Bienal de Arte Incomum – MAC-Goiânia-GO / FIAT – Arte Brasileira – São Paulo-SP / 3ª Bienal de Goiás – MAC-Goiânia-GO / Recebe o Prêmio Participação – 90 Horas de Pintura Contemporânea-DF / Museu MACAP – UFMT.
1992 –Recebe o Prêmio Participação e Menção honrosa-90 horas de Pintura Contemporânea Galeria Casa Grande – Goiânia-GO / Barriga do Pantanal – Museu Conjunto Cultural da CEF – Rio de Janeiro-RJ / Participação da Eco 92-Conferência das Nações Unidas-Rio de Janeiro-RJ / 1º Salão do Designer do Centro Oeste – Galeria Casa Grande-Goiânia-GO / Itinerante MT – UFMT/MT.
1991 – XII Salão Jovem Arte Mato-grossense-FUNCETUR – Cuiabá-MT / 1ª Mostra de Artistas do Mato Grosso – Desembanco - Salvador-BA / Recebe o Prêmio Cultura Universidade – Artes – UFMT-Cuiabá-MT / Recebe o Prêmio de Participação 90 Horas Pintura Contemporânea-Brasília-DF.
1990 – Recebe menção honrosa XI Salão Jovem Arte Mato-grossense – Cuiabá-MT / Artista Convidada – 5º Salão de Artes Zumbi – MECAB – PR / Arte Pantanal – Salão Negro do Congresso Nacional – Brasília-DF / Recebe o Prêmio Participação e Menção honrosa-90 Horas de Pintura Contemporânea – Brasília-DF / Arte Contemporânea – Banco do Brasil – Brasília-DF.
1989 – 1º Salão de Artes Mato-grossenses – Sala Martins Pena Brasília-DF.



OS SAPOS DE BANDEIRA

O sapo no papo
Do papagaio
No galho
Ou no balaio...
Caio no orvalho,
Na baba do sapo
Que acaba me babando,
Eu sapeando o bando
De sapos.
Sapatos de sapos
São patas no mato
Palmilhando fatos
Que retrato
Nos textos,
No ato em contextos,
Pretextos,
Protestos do sapo
Empresta o tacho,
Tá ocupado,
empresta o tacho,
Tá ocupado,
Empresta o facho,
Tá queimado...
Sou um sapo sem sapato,
Perdido no mato,
Buscando Bandeira,
não o encontro...
confronto o poema
do sapo manuelino,
um sapo grã-fino
que ganha um poema,
um estranho tema,
mas Bandeira só pode
falar do que queira,
de sapo que pula,
de sapo-boi,
sapo cururu
ou qualquer perereca,
levado da breca
Manoel pode tudo,
Até plagiado,
Quase copiado
Por um poeta bicudo,
Mas sapo tem licença
Do Ibama e da SEMA,
Até da poesia, com tanta
alegria
Escrevo este texto
Fora do contexto
Só pra aplaudir
O sapo poema
De nosso poeta,
Que rompe a fronteira
Do tempo e do espaço,
por isso é faço
este sapo Bandeira.

José Pedro Rodrigues Gonçalves
É médico, escritor e poeta que observa com rigor o que escreve, numa demonstração de responsabilidade pela qualidade quase poética daquilo que produz. Em *Tragicomédicas*, seu primeiro livro, resgatou as histórias de seu tempo de estudante de medicina no Rio de Janeiro e de parte de sua vida profissional em Cuiabá. Em *Bauxi* reconstruiu poeticamente a cultura rural do interior de Mato Grosso em meados do Século XX. Em sua terceira obra assume o lado cientista, em um livro de textos que trata do cuidado com a vida. *Da Cura para o Cuidado* apresenta uma nova forma de olhar a atenção à saúde, lançando luz sobre as vulnerabilidades humanas, *locus* originário do adoecer humano. Agora, em *Lavapés*, resgata um Bairro esquecido, um dos berços da cultura, das artes e do esporte em Cuiabá durante o Século XX, mostrando a origem real do seu nome, a fonte que, embora aterrada pelo asfalto, ainda permanece em silêncio, aguardando o seu ressurgimento naquela mesma esquina.

EU VI UM SAPO CANTANDO

Eu ouvi um sapo
cantando a rã
naquele doce papo
pra faturar galã

eu ouvi um fiapo
de voz sabichã
imitando jenipapo
uma vez manhã

ouvi, quiçá, lapso
lábia de um sapo
de papo pro ar
sua veia musicar

eu vi a rã sonhar
corada, meio tesã
ora, saliente levar
fé no sapo tantã

hoje o sapo sutil
e a rã cortesã
namoram civil
tarde, noite, manhã.

SAPO SEM SAPA

O sapo cantor
O sapo editor
O sapo de mim
O sapo não sabia

O sapo na academia

O sapo de papo
O sapo sorria
O sapo no fim
O sapo dizia

O sapo na livraria

Quem livraria
O sapo da azia
O sapo azedo
O sapo mané

O sapo na putaria.

O SAPO FILÓSOFO

Sonhei que tinha um sapo na barriga.
Era um sapo grande, enorme...
Um sapo de olhos verdes, maravilhosos,
que diziam coisas em francês,
e muito das vezes não entendia,
só sabia que era sapo, fazia filosofia
e estava na minha barriga

Sonhei que tinha um sapo na barriga.
Acordei e pensei que estava grávido
de uma possibilidade maior que o sonho:
O sapo (por mim) não sentia repulsa,
me entendia como ser humano e falava coisas,
ditos interessantes, por exemplo: Bom dia!..
E o sapo continuava na minha barriga.

João Bosquo Cartola
É poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT, mora e trabalha em Cuiabá. Como jornalista atuou nos jornais O Estado de Mato Grosso, A Gazeta (Cuiabá), em 2001 editou o semanário A Notícia (de Cáceres); presidente do Sindicato dos Jornalistas (1995-1998) e desde 2002 trabalha como assessor de imprensa, até janeiro de 2015, como repórter da Secom/MT, entre 2015 e 2017 volta à redação como repórter do *DC Ilustrado*, caderno de cultura do jornal Diário de Cuiabá, atualmente trabalha como freelancer. Morou em Curitiba, onde publicou o livro *Abaixo-Assinado* (1977) em parceria com L. E. Fachin. Em Cuiabá novamente, os livros *Sinais Antigos* (1981), *Outros Poemas* (1984), *Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol* (2006) e *Imitações de Soneto* (2015). Participou das antologias *Abertura* (1976), *Panorama da Atual Poesia Cuiabana* (1986), *A Nova Poesia de Mato Grosso* (1986) e *Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas* (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo *NAMARRA* (1984/86) e coordenou o projeto *POETAS VIVOS* (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

Juliano Moreno Kersul de Carvalho
Tem graduação em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso, é professor da UNEMAT, mestre em História pela UFMT, produtor cultural do Projeto Palavra Aberta, editor da revista de poesia "Fagulha". Poeta e prosador, lançou o livro de contos "O Açogueiro".

OS MUITOS NOMES DE DEDOS DE TERRA

Mãe é como a conheço e, desde sempre, é como a chamo. Sou uma de suas obras. Sua matéria me constituiu. Artesã coautora desse meu DNA. Fui forjado em sua água. Tenho seus quadros na minha casa. Juro que por vezes mexem os olhos acompanhando meus gestos cotidianos. Quando viro de costas, sussurram uma brisa que confundo com as brisas que fazem farfalhar a enorme mangueira do quintal.

Tenho certeza que um dos seus desenhos foi feito pra mim. Em tons beges namorando o marrom e o amarelo. Vemos um homem sereno acariciando uma fera com dentes expostos germinada ao seu corpo. A fera mostra os dentes e ele a acaricia numa eterna doma e exercício de paciência. E assim é a arte: viva, capaz de nos morder. Pensamos interpretá-la, mas é ela quem nos lê e adivinha. De 1989 para cá deram a ela muitos nomes.

O indigenista e pintor Maurílio Barcelos a chamava de Dedos de terra. Quem viveu a década de 1990 em Cuiabá deve se lembrar de suas performances pela cidade. Sentada no chão, apoiada nos joelhos, ou com as pernas cruzadas, em espaços públicos fazia de 4 a 5 desenhos de 1metro por 1.20 em menos de uma hora, com pigmentos naturais produzidos por ela mesma. Juntava uma pequena multidão pra tentar adivinhar as formas, mas era impossível não se surpreender.

Como Dedos de terra ela lança no infinito cru do papel branco poeiras vindas da Chapada, argilas coloridas filtradas em tons de amarelo, vermelho, verde, marrom. Cores terrosas juntando tecendo figuras como emblemas de civilizações desaparecidas: uma série de animais que vão induzindo aos olhos a forma de pessoas, ou pessoas que dentro do movimento de seus gestos guardam animais.

Dedos de terra oferece a este mundo o testemunho de criaturas que não existem mais, sacerdotisa desse perfeito passado em que homem e natureza eram um só. Maurílio deu a ela ares de Saint Exupéry e a viu num planetinha, girando luas e sóis de outras eras. Planeta- vagina, sustentado no casco de uma tartaruga cosmológica. Planeta em que fazer nascer é um ato político e comunitário.

Na Bahia o desenhista e pintor Carybé disse que as bruxas existem e que ela era a prova viva de que andam disfarçadas pelo globo terrestre querendo nos curar e fazer evoluir. Nos apontar caminhos de pajelança que no lusco fusco nos livrem desse abscesso existencial aberto em nossa natureza pela sociedade industrial.

Também a reconhecem como uma espécie de alquimista pela conta da sua capacidade de experimentação e pesquisa

com as tintas a partir de pigmentos vegetais e minerais, pelo seu trabalho de ressignificação daquilo que alguns consideram como lixo. Em seu laboratório se apropria de bonecas velhas, latas de sardinha, garrafas, esqueletos de guarda-chuva, revistas velhas, embalagens de cigarro, cascas de pistache, roldanas de plástico, olhos de vidro e muitos outros eteceteras.

Ela dá ser a esta variedade de entes mudando suas finalidades, operando radicalidades em suas naturezas utilitárias até que irisam existência e ela os admira em silêncio com anteparos celestes. Os expõe para expor em nós a ferida que eles brilham e assim de alquimista ela vai se mimetizando em artista contemporânea, camaleão lagarteando invisíveis, devorando opacidades.

Serafim Bertoloto nos explica que:

> *Se intitulando como arqueóloga urbana a artista leva mão a tudo que lhe atrai o olhar, recolhe para o ateliê os mais diversificados objetos encontrados nas suas incursões pela redondeza onde mora, nos trajetos corriqueiros, nas visitas em lojas de materiais de construção e de demolição. Tintas vencidas, móveis velhos, pedaços de madeira, concreto, plástico, metal, estantes expositoras de lojas, enfim, objetos descartáveis jogados fora no lixo, que se transformam em projetos artísticos conceituais, ou simplesmente em objetos escultoricos retorcidos, queimados, amalgamados, que nos causam certo estranhamento, um frison, um incomodo, um deslocamento da percepção primeira, uma angustia ou risadas pelo humor mórbido ou uma alegria causada pelo inusitado, pelo novo.*[1]

Em 2016, Aline Figueiredo[2], numa entrevista, pra falar do nosso contexto histórico contemporâneo exibiu pras câmeras um ser de lata de sardinhas com três rostos esculpidos em papel, exprimidos, presos ao vazio da lata. A crítica de arte disse que aquele ser éramos nós.

Que a linguagem daquele ser enferrujado na lata cheio de faces distorcidas e espremidas éramos nós. Aline revelou um segredo encoberto pela multidão de seres que Vitória desenhou, esculpiu, forjou com maçarico. O espanto, thaumazein em grego, que sua obra produz é adubo do pensamento. Para Heidegger o espanto é:

> *(...) enquanto pathos, a arkhe da filosofia. Devemos compreender, em seu pleno sentido, a palavra grega arkhe. Designa aquilo de onde algo surge. Mas este "de onde" não é deixado para trás no surgir; antes, a arkhe torna-se aquilo que é expresso pelo verbo arkhein, o que impera. O pathos do espanto não está simplesmente no começo da filosofia, como, por exemplo, o lavar das mãos precede a operação do cirurgião. O espanto carrega a filosofia e impera em seu interior.*[3]

Minha mãe é uma pensadora do presente que com sua cosmologia nos narra. Em suas instalações nos captura com perguntas que o olhar não resiste de ver e rever. Quantos horizontes um nascer abre? Porque mutilam a alma das mulheres? Porque a cidadela tão faminta vai devorando todas as aldeias e queimando em seu motor a carne exposta dos Xamãs, carne de cascas de árvores tão antigas? Porque nos deixamos encarcerar em latas de sardinha? Quando as aranhas feitas do esqueleto de guarda chuvas abandonados virão devorar os neurônios que restam? Porque nos apressamos tanto nessa engenharia de autodestruição, arquitetura do derretimento que engendra uma fluidez sem volta em que nos desolamos em coisas abandonadas as engrenagens da matemática dos mercados? José Castello aponta que:

> *A arte de Vitória Basaia reproduz o assombro humano. É arte do desassossego, mas também arte da aceitação. Arte que não renega, ou camufla o real, mas que faz dele o próprio mistério. É sobre a vida, sempre, que Vitória se debruça, sem preconceitos e sem certezas, guiada unicamente pelo espanto.*[4]

Não sei a idade de minha mãe, é um mistério familiar. Talvez ela tenha todas as idades. Faz trinta anos, em 1989, Vitória expunha suas primeiras obras numa exposição que recebeu o nome de "Basaia se atreve". Desde então ela vem com audácia mexendo com nossa sensibilidade e pensamento. Propondo-nos vivencias poéticas sobre nossa finitude. Puxando-nos para o agora onde temos que decidir o destino da nossa espécie.

[1] BERTOLLOTO, Serafim. **Universo inquieto**. Disponível em: https://vitoriabasaia.blogspot.com/2011/03/universo-inquieto.html Acessado em:10/10/2019.
[2] FIGUEIREDO, Aline. **O Livre entrevista Aline Figueiredo** - BLOCO 01. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=181&v=-ZP-VQ-1PXYI Acessado em: 10/10/2019.
[3] HEIDEGGER, Martin. **Os Pensadores - Heidegger**. São Paulo: Nova Cultura, 2000. p. 37-38.
[4] CASTELLO, José. **Vitória: para suportar o enigma**. Disponível em: https://vitoriabasaia.blogspot.com/2011/03/arte-de-vitoria-basaia.html Acessado em: 10/10/2019.

ENCÉFALO

Sapos por todos os cantos, sapos desencantos.
Recolheram, retiraram dos cantos o ódio,
o ódio mais odioso da papada.
Nada há que se queixar o sapo martelo.
Martela nas redes, negam as paredes.
As paredes estão brancas com brilho.
Quem me dera poder ouvir o Cururu na beira do rio.
Mas, ainda há rio? Que rio?
Rio sem caldas? Os caldos escoam vazio?
Retiram às margens, as águas, as árvores...
onde habitarão os anfíbios?
Escorregarão pelo asfalto e não saberão escrever à mão?
Estarão suados em busca de alguma poça inexistente?
As marteladas desmontam estandes, estantes.
Já não se pode mais ler livros?
E ler poemas? Pode?
Ver cenas de um beijo ardente,
quase nunca pode.
As marteladas encobrem desejos
- e não se pode mais cantar o amor.
As marteladas, palavras coturnos,
lideram os sussurros adormecidos.
Cantam, coaxam,
quase voam em notas dó, ré, mi, fá...
Sapo Cururu observa, posiciona o ataque.
Berra, berra e vê-se diante da enroscada.
Deseja o breu iluminado.
Está pronto ao acasalamento.
Sapateia nas estradas de ferro.
Fere os ditames adormecidos.
Reaprende a flertar na loucura.
E segue nadando no encontro de alguém,
beija um, dois, três.
Demora.
Deita e rola.
Lê-se em uma cena
de um HQ quase emudecido.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) É doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.

FAZES FEZES

eles querem
para sempre estacionados
na zona de conforto
ficar
sapeando a terra úmida
no brejo das almas

acadêmicos de plantão
permanentes seres
a não estar
no lugar incomum
rumo ao futuro

a lição de bandeira
para sempre esquecida
à meia-haste
no exato lugar
pobre de espírito

tudo aquilo que fazes
não passa de fezes
que dão sequência
à parca sopa de letrinhas
sua cotidiana refeição

na beira da lagoa
ronda a sua imaginação
e este verso é pra você
bundão/bundona

nádegas mais
a dizer

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Luciene Carvalho
É escritora, poetisa e membro da Academia Mato-Grossense de Letras

Enfim, sim
São duas chapas!
Qual a mais apta?
É mais do que isso,
É um marco
De um tempo novo:
Uns pensam
Na Casa Barão
Pros jovens
Pro povo
De Mato Grosso.
Os outros
São a continuidade
Da Casa que existe na cidade
Mas pouco vê
Do tanto
Que Mato Grosso
Quer nos saber.
Não me importa
Quem vai vencer...
Já passou
Pela porta
O plural.
Já foi renovado
O que seja
Ser imortal.

RÉQUIEM PARA OS VELHOS TOTENS

E eu bati,
Eu bati na pedra,
Ela só me cortava
As mãos
Não viravam sonho ou arte

E eu bati,
Eu bati na porta,
Ela não se abria,
Não ouvia meu chamado,
Muda

E eu bati
Eu bati em velhos pergaminhos
Eles continuavam secos
Avessos a novos caminhos
Poeira

Minhas mãos
Sangram cansaço
Pelo tempo
E pelo espaço
Ocupado,
Pelo que -ultrapassado-
Segue surdo
Totens de velho milênio
Seriam cegos
De apego
Ao que não gera frutos?

A renda
O sócio
O negócio
O trabalho imenso
Para que tudo
Se mantenha
Com a mesma
Velha senha.

Minhas mãos
Não têm poder algum
E essa - talvez-
Seja minha qualidade predileta,
Não trago nelas
A qualidade do obtuso,
Apenas assino
-vez a vez-
Os poemas que escrevo
Porque sou poeta.

O SAPO E O PIRILAMPO

(Por onde começar?)
talvez, pela beira do brejo
onde o sapo espera
esconso e jururu
com enorme apetite
seu notório jantar

(e lá vou eu a vagalumear)
por sendas de graça
maciez de brisa
piscando esverdeado
acendo e apago
pra quem vai me jantar

(é tão fácil rimar)
neste som corriqueiro
que dizem ser pobre
mas chega a ser belo
como ir pelos ermos
a lampejar

(pirilampo a dançar)
sob lua minguante
perfil ameaçante
afiada foice
no pescoço da noite
suspensa no ar

(coisa de pasmar)
dirigir-me ao brejo
para ser comido
por faminto anfíbio
ir ao próprio enterro
sem me horripilar

(e pra terminar)
eis ali o bronco
volumoso e teso
olhar nefasto gelado
língua projetável
pegajosa língua
para me agarrar
em pleno voo
(na falha da rima e
de outra sextilha).

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Não tem força a toga
Se a oficial reunião
Buscar a exposição
E retirar a tradução

Enfraquece a pelerine
Se a solene reunião
Despedir a letra
Para buscar estranhas escrituras
Sem a brisa da explicação

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

Marcos Blau
Nascido em Sinop - MT. 24 anos, estuda Direito (UNIC), toca guitarra na Banda Distrito 835, está escrevendo seu primeiro livro e tem um blog: https://sapientiaaboveblog.wordpress.com/

A ASCENSÃO E QUEDA DE UM COPRÓFILO

O bebê nasceu saudável e, após extremo esforço obstétrico, no exato momento em que o menino foi expelido, o parto foi coroado com uma inconfundível flatula. A parturiente, claro, ruborizada ficou. Ao invés do primeiro choro como fato inicial de sua vida, foi a primeira evacuação, no jaleco do bondoso médico, que anunciou a biografia que ali se iniciava.

Meses depois, o infante esboçou sua primeira palavra. Havia, como em qualquer pai, uma certa ansiedade sobre qual seria a escolhida. De repente, em uma tarde ensolarada de um domingo em que a família estava reunida, ele finalmente balbuciou o que foi interpretado como, em virtude do apelido do pai ser esse, "popô". Pois enganada a família foi, já que a exordial unidade de sílabas tinha, na verdade, suas consoantes compostas pela letra "c" ao invés de "p".

Em sua infância, a cada dia o menino tornava-se mais peralta, desenvolvendo um grande prazer por brincar no pátio de casa. Costumeiramente, se emporcalhava de barro e, aos olhos desconhecidos, não se entendia o cheiro que tal brincadeira proporcionava, mais tarde, ao guri. Porém, nem tudo aquilo que era marrom era terra. Sim, é preciso que se diga: o menino brincava, de modo particularmente desenvolto, com suas produções corpóreas. Por isso, nas más línguas dos colegas de bairro passou a ser chamado de Rola-Bosta.

Já na adolescência, havia chegado o momento de escolher um ofício: era o vestibular. Inicialmente, tentou ingressar nos cursos de biológicas para, enfim, estudar os excrementos que tanto admirava. Contudo, os avaliadores, em seu teste de admissão, detectaram que o jovem possuía "muita massa marrom e pouca massa cinzenta", não estando apto, portanto, ao ingresso na área almejada. Enquanto o jovem, revoltado, não entendia o porquê de tal característica não ser aquela esperada daqueles que estudavam bosta, os examinadores não anteviram que estariam fazendo um grande favor a toda coletividade ao aprovar o curumim no respectivo curso, mesmo que fosse para ele ser um profissional de merda.

Frente ao infortúnio, o jovem decidiu canalizar sua inconformidade para a carreira da "Ordem, Hierarquia & Disciplinada". A bem da verdade, ele nunca foi afeito a nenhum desses três pilares mas, também a bem da verdade, o momento histórico no qual estava inserido quando do seu ingresso fazia com que tal lema fosse igualmente relevado.

O novato já vestia o verde-oliva quando passou a admirar, além dos exercícios em que os praças se sujavam de barro simulando um ambiente de guerrilha, aqueles que, aplicando suplícios intermináveis a não-indivíduos indefesos, faziam estes defecar por todo canto. Embora apreciasse tais ações, uma tristeza sempre o abatia quando lembrava que não queria apenas admirá-los, mas participar de tais sujos atos.

Após curta carreira, foi expelido do corpo fardado tal como uma diarreia fosse. Tinha, para isso, feito caca. Teve, então, que se reposicionar no mercado para, como um verdadeiro homem trabalhador, sustentar sua família. Olhando a sessão de classificados, ele viu que necessitavam de um jornalista. Por exatos dez segundos considerou enviar o seu currículo mas, lembrando que não tinha grande apreço pela profissão, exceto aqueles profissionais relacionados a chamada imprensa marrom, recuou.

Estava confuso. Passou algumas semanas sem fazer, diga-se, merda alguma até que, de repente, assistindo um popular jornal foi informado pelo âncora sobre uma pesquisa que falava quais profissões eram as mais desprestigiadas pelos residentes de sua nação. A pior, segundo a reportagem, era a de ser político. Entretanto, o que aguçou sua mente para tal carreira foi a fala de uma transeunte que, questionada sobre a atividade em questão, disse, não sem antes ser censurada pelo famoso pi televisivo, "serem todos uns m*****!".

Descontente em cagar apenas em sua vida, ele decidiu assim agir em nome dos demais. Em termos corporativos, sua carreira política foi o que chamam de case de sucesso. Pulou de cargo em cargo até alcançar o ápice da representação popular. Auxiliou, assim, para a ágora moderna ser o sinônimo de esgoto e, sobretudo, de seus respectivos coliformes fecais.

Certo dia, no entanto, surpreendeu todos quando, ao invés de expor de forma privada suas ideias relativas a tal massa alimentar expelida, o fez em um palanque. Até mesmo em seus iguais causou constrangimento. Porém, o burburinho foi maior entre as privadas do palácio presidencial. Estas lembraram que, talvez, a análise daqueles avaliadores em relação a sabedoria daquele adolescente tivesse algum respaldo na realidade. Elas, enfim, decidiram fazer algo.

Sabendo que, dia sim-dia não, o mandatário comparecia a essa localidade, tramaram um coup d'état contra ele. Posteriormente, uma das patentes rebeladas confidenciou que não aguentavam mais ver os objetos de seu ofício cotidianamente submetidos a tal humilhação.

No fatídico dia, a autoridade adentrou no local, arriou as calças e sentou na retrete. Enquanto liberava suas essências, falava ao telefone. De repente disse que, dali em diante, iria "acabar com o cocô" do país em questão. Foi a gota d'água para aquela latrina que já havia recebido os mais famosos cus da república decidir tomar providências.

Imbuída de um verdadeiro sentimento patriótico, deu a maior descarga que, em sua longa vida, havia dado. O soberano, com o forte estremecimento, acabou capturado pela forte sucção. Inicialmente, tentou lutar para não ser levado mas, percebendo que estava indo para o lugar onde rejeitos como ele sempre almejaram estar, cessou o entrevero.

Sua última palavra em vida foi a mesma de sua primeira. Nasceu expelido e, por fim, morreu sugado. Sorte mesmo foi a da Sociedade que, por ter esgoto tratado, não teve que pisar no merda a céu aberto e, para o terror das crianças, vê-lo passar pelos canos sob seus pés.

POSSE

Sou de Mato Grosso – digo
ando pelo mundo a falar e
espalhar a poesia do lugar
nele transpiro e envelheço
há algumas dúzias de anos

Mas você é pau-rodado – dizem
(ser e estar nesta terra
criar, aprender, agregar
não parece o suficiente)
há sempre alguém que se arvora
pra lembrar que sou de fora
que trago mate nas veias
e sotaque esbranquiçado

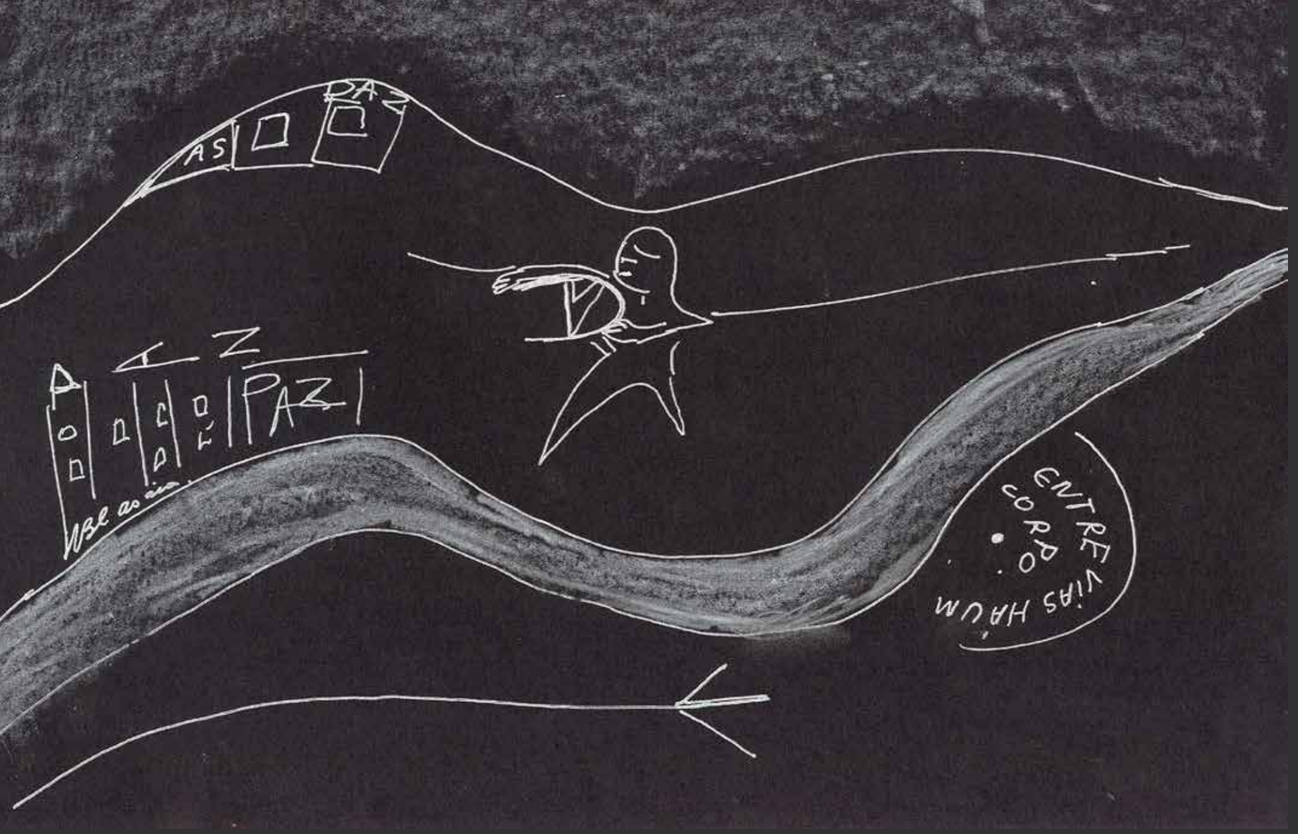
Ora, que triste coaxaria!
trago em mim tantas cantigas
de além-mar (em outra língua)
pagos do sul trago ainda
uma barriga bem verde
lá de Santa Catarina

Eu trago (mais do que tudo)
árvores mortas e vivas
poeira de muita estrada
a passarada das matas
o olhar da onça pintada
não sou jacaré ao sol
em veredas pantaneiras
nem assento meu traseiro
em fortunas passageiras

Escavo há trezentos anos
um lugar por paradeiro
(uns versos e algum trapo)
só não me finco em lameiras
não coaxo como sapo

Esta terra é meu sertão
é meu pão e meu sapato
é de meu filho o torrão
e de meus netos o prato
é o texto que escrevo
é onde deito o esqueleto
em cada letra que traço
quem não gostar desta trova
diga que sou pau-rodado
mas coaxar, não coaxo!

Marli Walker
É Doutora em Literatura (UnB). Leciona no IFMT e integra o Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras/MT. Publicou os livros de poesia: Pó de serra (2006), Águas de encantação (2009) e Apesar do amor (2016), contemplado pelo edital do MEC para o PNLD (2018).



PRELÚDIO PASSARINHO

ah, quem disse que uma academia
tem que ser sisuda
sem modernidade e sem alegria?

por que ser assim!?...
'torre de marfim'... marasmo,
sem sal e sem sol...
[sorrisos formais
perdidos, fardados...]
'pharmácia' para as 'lágrymas'
de um grêmio inerte...
ou casa de aranha
sem Graça
sem som no jardim.

ah, se uma academia
é casa de letras
de (g)rito imortal...
assim, deve ser
vanguarda de arte
e fecundo trigo,
compromisso do/com/o novo,
morada do povo
com sala de estar além-mundo...

jamais contrapasso, vento sem moinhos,
e nem mero passo que passa
|sozinho, sem pulso|
jamais descompassos
mas sim passarinhos!...

Rubenio Marcelo
É poeta, compositor e crítico, membro efetivo e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Cadeira nº 35) e membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Autor de 12 livros publicados e 3 CDs. Recentemente, lançou o livro "Palavras em Plenitude – prosa e crítica cultural", e o CD musical "Parcerias: na poética de Rubenio Marcelo". É um dos autores homenageados no livro "Vozes da Literatura" (FCMS), reunião de autores contemporâneos. Também advogado e revisor, reside em Campo Grande/MS.

NA LINHA DO TEMPO DE BANDEIRA, 1918!

Estufando os peitos
guardando a moral
há sapos perfeitos:
Coluna Social!

Um bronco afamado,
ao jeito de boi,
rumina animado:
– passado? Não foi!

O sapo violeiro
xás cara amuada
diz: bom poeteiro
faz trova rimada!

Vede meu coaxo:
sou bem patriota
e dou esculacho
se quebram a nota.

– Apoiado, diz
uma rã contente!
Meu verso é amado
por toda essa gente!

Passados cem anos,
mesma tradição:
produtos medianos
levados à mão!

Chia às escondidas
(e assim desagrega),
a rã das antigas:
– a nova me cega?

Urra o estatuto!
– refuto, retruco,
truco, seu matuto!

Basta, saparia!
Com letras ruins
lagoa arrepia
de tédio e afins!

Bem longe da pista
cururu se exalta:
Vida faz o artista
e não a Ribalta!

Sapos-pipas, sapos-
boi, girinos-rei
seus beijos ou tapas
nem ouço, nem sei!

Dentro da balbúrdia,
que é arte infinita,
não há estapafúrdia
que censure a grita:

na vida mortal
há sede, há fome.
E o nosso ideal
é fama, é nome?

Adeus, redondilhas
são livres meus versos!
Adeus saparia,
meu brejo é diverso!

Marta Cocco
É natural de Pinhal Grande-RS, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da UNEMAT-MT. Faz parte do grupo de pesquisa LER: Leitura, literatura e ensino – UNEMAT/CNPq. Ganhadora de vários prêmios literários, já publicou cinco livros de poemas (Divisas, Partido, Meios, Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só), dois de crítica literária (Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, Mitocrítica e poesia), um de contos (Não presta pra nada) e, com este, três infantis (Lé e o elefante de lata, Doce de formiga e SaBichões).

treta é treta trato é trato
rei é rei sapo é sapo
mas treta pode ser trato
e trato pode ser treta
assim como sapo pode ser rei
e rei pode virar sapo
a diferença talvez esteja na ciência
da autêntica palavra iluminada
mas eu só sei que nada sei (nisso sou rainha)
dos tratos distratos e tretas
mas respondam-me por favor
qual foi a treta literária
que está causando furor
na lagoa dos literatos
do mato?

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: "Asas de JIZ", Editora Life (2013) e "Pétalas Secretas", Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira"- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

O COAXAR DO SAPO

O povo indígena Nambiquara do Cerrado acredita que esta história aconteceu há muitos e muitos anos. Em dias tão longínquos dos de hoje que não dá para contar. De jeito nenhum. Nem com a infinidade dos números. Foi no 'tempo de antigamente', *kaninaitã*, como costumam dizer, época em não conhecia a agricultura e os seres humanos, aves, mamíferos, répteis, peixes, anfíbios, insetos conversavam entre si.

O sapo cunauaru, de coloração cinza escura, cansado, muito magro e sem condições de se movimentar, ao encontrar seu companheiro no meio do caminho, pediu para que o levasse para um oco de pau. Explicou que estava muito doente. O sapo prontamente aceitou ajudar seu parente e o carregou em suas costas até um tronco de árvore onde havia um buraco fundo e escuro. Antes de ir, deixou uma cuia com água. E lá ficou o sapo enfermo que, logo se pôs a coaxar para o sapo solidário.

O sapo solidário, indiferente ao coaxar do sapo adoentado, seguiu seu caminho, a pular e engolir insetos até se fartar. Aborrecido, de dentro do oco do pau, perguntou ao companheiro se gostava de sua voz. Empanturrado de insetos, displicentemente respondeu que sua voz era feia e fina.

Mas, o sapo adoentado, que precisava demonstrar que recuperara suas forças e que estava tão forte quanto o companheiro solidário, esforçou-se ainda mais. E de dentro do lugar oco, demonstrou com exibição sua voz. Novamente quis saber a opinião do sapo que continuava deitado de barriga cheia. Mais preocupado em continuar sua perseguição aos mosquitos, afirmou que sua voz estava grossa e bonita.

O sapo vaidoso, passou a morar e a nidificar no oco da árvore, onde sempre tem água. Na época das chuvas, todos podem ouvir sua voz: kuãru, kuãru, kuãru.

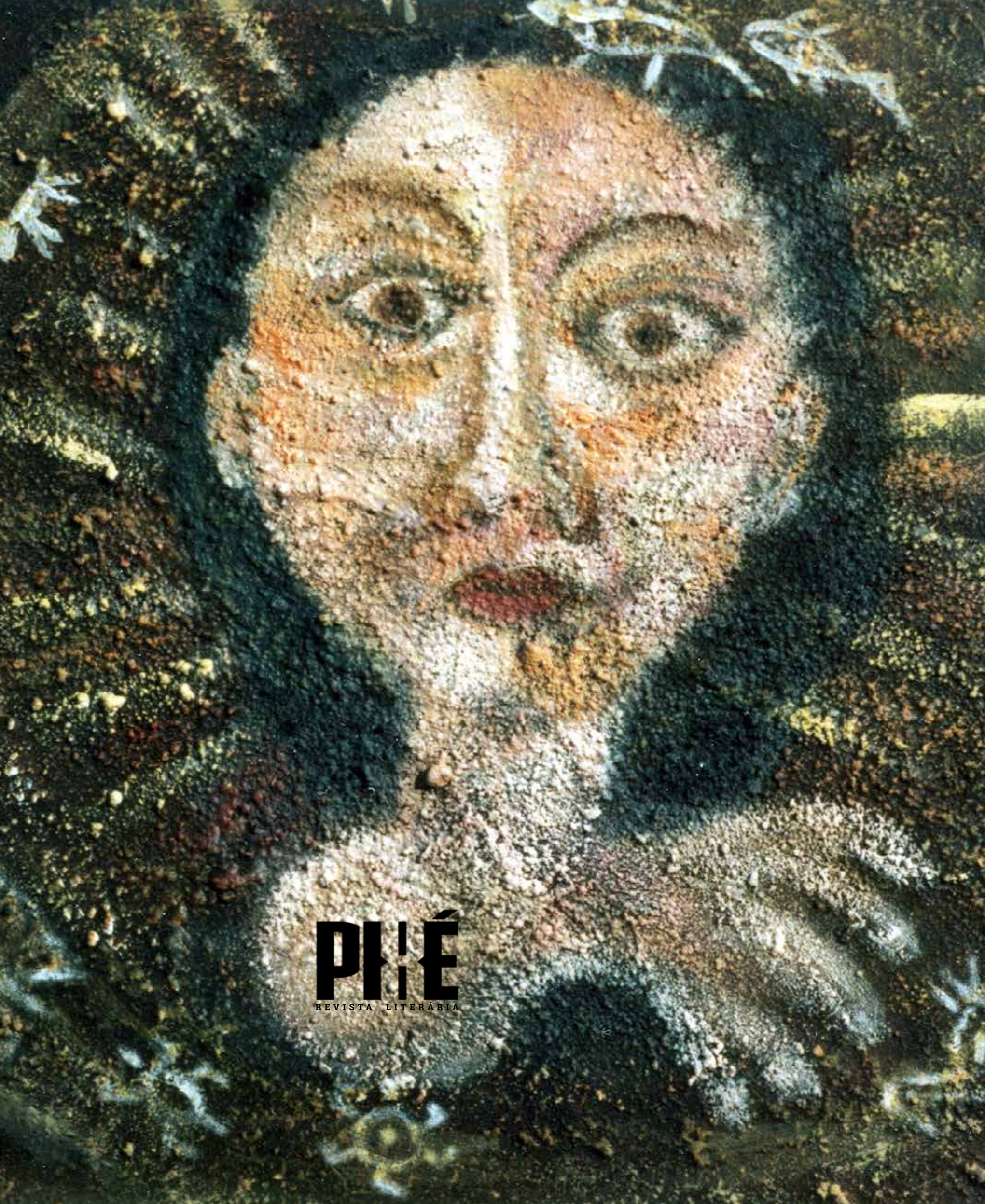
PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA

EDITAL

O Concurso Literário Pixé é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br) e a Editora Carlini e Caniato (www.editoracarliniecaniato.com.br), sem qualquer vínculo público. O objetivo inicial é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado nos sites oficiais da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.

O Prêmio Pixé de Literatura é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br) e a Editora Carlini e Caniato (https://carliniecaniato.com.br), sem qualquer vínculo público. O objetivo é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado no site oficial da Revista Literária Pixé.
1 – As inscrições vão do dia 09 de julho ao dia 23 de outubro de 2019, valendo a data da postagem nos correios. Podem concorrer todos os(as) candidatos(as) que não tenham livros autorais publicados na categoria em que concorram, mato-grossenses de nascimento ou quem comprove residir em Mato Grosso no momento da inscrição. Para efeito de encerramento de inscrições, os organizadores esperarão até o dia 01 de novembro eventuais envelopes retardatários, atrasados e/ou eventualmente extraviados.
2 – O Concurso Pixé de Literatura está dividido em duas fases: a 1ª é a habilitação preliminar e a 2ª, o exame de mérito. Cada candidato(a) deverá enviar por correio à Rua Estevão de Mendonça, 1.650, Morada do Sol, Cuiabá-MT, CEP 78043-405, 1 (hum) envelope grande escrito por fora CONCURSO PIXÉ DE LITERATURA, contendo outros 2 (dois) envelopes menores. Eventuais retificações no presente edital, alterações de calendário por força maior, e todas as demais informações serão publicadas exclusivamente no site da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.
3 – A fim de promover a habilitação preliminar, no 1º envelope o(a) candidato(a) deverá escrever por fora HABILITAÇÃO DO CANDIDATO, contendo somente: cópia de documento de identidade com foto caso mato-grossense de nascimento. Caso o(a) candidato(a) não tenha nascido em Mato Grosso, deverá mandar comprovante de residência ou carteira de motorista, a fim de comprovar suficientemente a residência atual.
4 – O(a) candidato(a) enviará também neste mesmo 1º envelope: uma folha A4, o nome completo, o CPF, o telefone, o e-mail, endereço completo e o codinome usado no texto literário. Indicará, ainda, na mesma folha: os dados bancários completos para o depósito do prêmio, seja pessoal, seja de terceiros.
5 – No 2º envelope, o(a) candidato(a) deverá escrever por fora TEXTO LITERÁRIO e remeter como conteúdo o texto literário em prosa ou poesia, indicando na autoria somente o codinome, a fim de evitar qualquer identificação à comissão julgadora.
6 – O texto em prosa (conto, crônica ou croniconto) deverá estar digitado em letra Times New Roman, fonte 12, espaço simples, tabulação padrão do Word Office, em até 5 (cinco) laudas. O texto em poesia deverá estar no mesmo formato citado anteriormente, com até 2 laudas.
7 – Serão selecionados 10 textos em prosa, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores e 10 (dez) textos em poesia, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores. Caso a organização descubra concomitante ou supervenientemente qualquer publicação de livro autoral impresso ou on-line por parte do candidato(a) até a data do encerramento das inscrições, será este(a) sumariamente eliminado(a), inclusive da classificação e da premiação.
8 – Os textos selecionados como vencedores estarão devidamente destacados pelo Editorial do livro produzido e os 6 (seis) autores(as) vitoriosos(as) serão remunerados(as) em R$ 1.000,00 (hum mil reais) cada, perfazendo a premiação total do PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA em R$ 6.000,00 (seis mil reais).
9 – Todo o projeto gráfico, diagramação e revisão ficará a cargo da Editora Carlini e Caniato, a partir da seleção realizada pela comissão julgadora. O resultado será divulgado no site oficial da Revista Literária Pixé e na respectiva fanpage www.facebook/revistapixe no dia 02 de dezembro de 2019 até às 18h e da mesma forma no site oficial da Editora Carlini e Caniato e na respectiva fanpage www.facebook.com/editoracarliniecaniato.
10 – O livro será lançado num prazo máximo de 120 (cento e vinte) dias depois de divulgado o resultado e será integralmente disponibilizado, sem custos, em modelo PDF para download ao público visitante da publicação virtual. Os organizadores selecionarão artista plástico para ilustrar a publicação.
11 – O pagamento do prêmio dar-se-á no mesmo dia da divulgação do resultado por meio de depósito bancário direto. Os organizadores não se responsabilizam face ao erro de informação dos dados bancários fornecidos na inscrição.
12 – Todos os casos referentes à habilitação ou eventuais situações não previstas por este edital serão resolvidos unilateralmente e de forma irrecorrível pelo Editor-Geral da Revista Literária Pixé em conjunto com os Editores da Carlini e Caniato. O julgamento de mérito ficará sob responsabilidade de 3 (três) convidados com ampla experiência em literatura brasileira cujos nomes serão divulgados com o resultado.
13 – Os(as) autores(as) que aderirem ao presente chamamento declaram o expresso conhecimento e a concordância com a publicação do texto, doando todos os direitos autorais sobre o mesmo e não poderão reclamar quaisquer valores financeiros ou reservas legais na divulgação, editoração e publicação, mesmo que seja ela futuramente lançada em meio impresso tradicional e/ou usada de outras formas pelos proponentes do concurso.
14 – A Revista Literária Pixé reserva-se no direito de usar a fotografia de todos(as) os(as) candidatos(as) selecionados(as) na divulgação do resultado, assim como publicar em parceria com a Editora Carlini e Caniato os textos em prosa ou poesia no próprio corpo de uma de suas edições ou em uma edição especial, independentemente de cronologia ou de colocação, de acordo com a conveniência editorial do periódico e/ou da editora.

Cuiabá-MT, 09 de julho de 2019.
Pixé Revista Literária e Calini & Caniato



PIÉ

REVISTA LITERÁRIA